

As causas da tragédia

Mas, afinal, o que aconteceu para 127 doentes renais saíssem da sua sessão de hemodiálise envenenados com hepatites tóxicas? Algumas coisas são bastante claras nas investigações que a Secretaria Estadual de Saúde e a Assembleia Legislativa de Pernambuco vêm fazendo para descobrir as causas da "Chacina da Hemodiálise".

Quando ocorreu o problema já se sabe. A contaminação nos aparelhos do Instituto de Doenças Renais (IDR) de Caruaru se deu entre os dias 13 e 15 de fevereiro. A bomba estourou no dia 18, quando todos os pacientes que se trataram naquele período, pioraram muito.

"Eu senti muita coceira. A vista ficou ruim e eu comecei a passar muito mal naquele dia", descreve Solange Rodrigues.

Apavorados, os diretores do IDR procuraram uma explicação para o quadro. Não encontraram. Apenas no dia 6 de março a clínica enviou o primeiro ofício para a Secretaria de Saúde de Pernambuco. Bráulio Coelho, diretor do IDR, garante que não tentou ocultar o caso. Naquela época, 12 doentes já tinham morrido.

"Nós enviamos os boletins de óbitos mensalmente. E, desses caos, pelo menos dois morreram de complicações normais de quem tem problemas renais" alega.

Outro fato: as condições de funcionamento do IDR eram muito precárias — o lugar é sujo, velho, descuidado. Há infiltrações nas paredes.

"Esse IDR era uma pocilga", declara o deputado estadual Orlando Ferraz (PSB), relator da CPI aberta para investigar o caso.

Mais outro dado: a água utilizada para a hemodiálise poderia estar contaminada. Essa hipótese é admitida até mesmo por Bráulio Coelho.

"Nós realmente não fazíamos os exames periódicos da água, exigidos pelo Ministério da Saúde. Mas isso acontecia há nove anos e ninguém tinha apresentado problemas desse jeito", alega Coelho.

O deputado Orlando Ferraz não

tem dúvidas para afirmar hoje que a situação do IDR é muito complicada.

"Pelos menos 60% da culpa é do IDR", calcula.

Não havia fiscalização regular das operações do IDR há, no mínimo, dois anos. Ou mais. "Acho que o diretor do IDR, Bráulio Coelho, confunde inspeção sanitária com auditoria de contamento, que é um processo simples. Há dois anos, deve ter sido feita uma auditoria. Fiscalização mesmo, acho que não é feita há muito tempo", afirma o deputado.

O secretário confirma que não há como fiscalizar corretamente todas as clínicas. "Qualquer pessoa sabe que não dá para fiscalizar o tempo inteiro. Como não havia alguém do DAC para virar para o outro lado o manche do avião que infelizmente matou os Mamonas Assassinas", compara.

Mesmo com a desconfiança dos parentes, a CPI deverá apontar culpa para os diretores do IDR. No mínimo, por negligência.

"A clínica funcionava em condições precaríssimas. Em condições miseráveis. Não sei como deixaram", critica Orlando Ferraz.

Mão de tinta esconde nomes

Idelfonso Rodrigues é proprietário do Instituto de Nefrologia e Urologia de Caruaru (INUC) para onde foram transferidas as sessões de hemodiálise dos pacientes envenenados no Instituto de Doenças Renais (IDR) de Caruaru. Idelfonso também é um dos principais médicos do IDR.

Em matéria de precariedade, o serviço do INUC não difere muito do IDR, classificado como "pocilga" pelo deputado Orlando Ferraz, relator da CPI da hemodiálise.

O prédio onde acontecem as hemodíálises é novo. Tão novo que as obras nem acabaram. Trabalhadores ainda pintam o teto, fazem consertos e arrematam a construção. Os arredores do INUC são verdadeiros canteiros de obras.

A rua Paranaíba, onde fica o INUC, tem asfalto só até metade.

Carlos Moura



Nenhum dos pacientes que foram transferidos para o Hospital Barão de Lucena, no Recife, voltou vivo

A continuação da rua é uma mistura de terra e lama. Há muito lixo em volta do prédio. Bem pertinho, há até um brejo. Na sala de recepção do prédio novo do INUC, há moscas à vontade.

Apesar disso, o atendimento dos funcionários do INUC é elogiado pelos pacientes e seus parentes. Na sede do IDR apenas um funcionário trabalha hoje. A clínica foi interditada por ordem da Secretaria. Ficou apenas um pintor. Quando a equipe do **Correio** foi até o IDR ele cobria com tinta amarela os nomes dos diretores e médicos da instituição para preservá-los.

Os carros do IDR também tiveram seus letreiros cobertos. Segundo Bráulio Coelho, para proteger os motoristas da instituição, que tinham medo de serem agredidos.

Mesmo interditada, a clínica hoje oferece poucos vestígios que auxiliem a investigação. Todos os aparelhos usados na hemodiálise foram retirados às pressas na última quarta-feira e colocados num imóvel do IDR. Os membros da CPI souberam e descobriram o novo local dos aparelhos.

"Essa história é fantasia. Fizemos a mudança à luz do dia", garante Bráulio.

O prédio está escuro, mas é possível verificar que o IDR está maltratado. A porta está aberta não há ninguém dentro. Sobrou apenas um crucifixo na entrada. Sobrou também muita sujeira. Um retrato cruel da saúde no Brasil.

■ Veja como é feita uma hemodiálise na página 32